

# X Encontro Científico de Relações Internacionais

## Encontro Científico

“Construindo pontes em tempos de muros”



### **AS RESULTANTES DA PRÁTICA EXTENSIONISTA NA DISCUSSÃO DA LEI MARIA DA PENHA**

**FEITOSA, Maria Tereza Gonçalves**

**BERNARDO, Renata Lima**

#### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo relatar oficinas realizadas pelo *Projeto Ação Contra Tráfico de Mulheres*, nos anos de 2018 e de 2019, e analisar a importância da atividade extensionista no combate à violência de gênero. Para tanto, foram desenvolvidos alguns conceitos sobre a pedagogia popular, de Paulo Freire, e da pedagogia engajada, de Bell Hooks, que norteiam as atividades do projeto. Além disso, é importante ressaltar a centralidade da Lei Maria da Penha para as ações extensionistas, tendo em vista que a tipificação de formas de violência contida no Art. 7 da Lei fornece a base para o conteúdo que se pretende ensinar durante as oficinas. Ademais, dados e aspectos da violência de gênero e feminicídio no Brasil e no Estado de Mato Grosso do Sul são mostrados a fim de se refletir sobre a precariedade e falta de respeito em relação aos direitos da mulher. Foram realizadas oficinas e cine debate na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e no Instituto Federal do Mato Grosso do Sul (IFMS), nos campus de Dourados e Ponta Porã. Destas atividades, reforçou-se o entendimento de que a extensão é de extrema importância no compartilhamento e construção de conhecimentos, assim como na comunicação de informações que são essenciais nos processos de conscientização e precaução de violências.

**Palavras-chave:** Violência de gênero; Lei Maria da Penha; Extensão

# X Encontro Científico de Relações Internacionais

## Encontro Científico

### “Construindo pontes em tempos de muros”



#### **INTRODUÇÃO**

Em 2014 o projeto de extensão *Ação Contra o Tráfico de Mulheres* foi criado, vinculado à Universidade Federal da Grande Dourados. Inicialmente, o foco era o tráfico de mulheres, no entanto, no ano de 2018 o cerne se tornou a violência. O projeto tem atuação em uma área próxima à faixa de fronteira com o Paraguai e a Bolívia, marcada por vulnerabilidades físicas e sociais, resultantes de políticas públicas precárias, propiciando grandes ocorrências de violência de gênero. Atualmente, o corpo do projeto é formado por discentes dos cursos de Relações Internacionais e de Psicologia da UFGD.

Com isso, um dos princípios de Freire (1987) aplicados nas oficinas é o diálogo que seja capaz de conduzir para uma reflexão acerca da realidade. O que se busca fazer é que os debates sejam conduzidos pelo conteúdo que os próprios participantes trazem, para que a discussão seja participativa, isto é, para que público reflita e compreenda, a partir de suas próprias experiências, a realidade que circunscreve suas existências.

Hooks discorreu sobre o ambiente escolar ser um fator de opressão, mas também ser uma fonte de emancipação. Ela demonstrou que educadores tendem a “uniformizar” as relações com os alunos, implantando formas de dominação e controle. Dito isso, é necessário que existam ligações mais específicas e orgânicas entre professores e alunos. A autora entendeu que as academias devem estimular a transgressão do aprendizado, numa troca de conhecimentos, em que todos ensinem e aprendam mutuamente, tendo o ensino como um estímulo de engajamento.

Logo, as oficinas realizadas têm o potencial de envolver os participantes de maneira prática com a problemática que projeto apresenta, de forma a desenvolver uma discussão que parta de sua vivências e permita com que haja uma conscientização engajada. Quando se aborda violência de gênero é muito importante colocar no centro do debate as experiências das mulheres presentes como resultado de uma sociedade sexista e tentar evidenciar a importância da presença delas tanto para a dinâmica presente quanto fora do círculo.

Valorizar a presença das mulheres no espaço (além de ser algo óbvio a ser feito) tem um sentido bastante prático, que é o de criar um espaço de fala em que as mulheres

# X Encontro Científico de Relações Internacionais

## Encontro Científico

### “Construindo pontes em tempos de muros”



consigam compartilhar experiências, as quais fazem parte de um campo subjetivo, acerca de uma realidade objetiva, a violência contra a mulher. E, esta relação gera um conhecimento que é transformador, segundo Freire, solidário.

A tipificação de violência é um dos pontos mais importantes a ser desenvolvido durante as oficinas, já que grande parte das mulheres já sofreu algum tipo de violência mesmo que seja em um grau pequeno e, por essa razão, os estudos e as oficinas realizadas pelo projeto são, também, embasadas na Lei Maria da Penha (Lei 11.340). Diante disso, é necessário que as oficinas abordem como o Estado brasileiro ampara as vítimas de violência de gênero e como se define violência de gênero na legislação brasileira.

Nesse sentido, a Lei Maria da Penha busca criar mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica (quando a violência praticada se dá no âmbito doméstico, o espaço de convívio, e é efetuada por pessoa que possui ou não vínculo familiar) e familiar (é aquela que se dá dentro da comunidade indivíduos ligados por laços naturais, afetivos ou vontade expressa) contra a mulher. Porém, a violência que pode ocorrer sob estas duas condições pode ser classificada, segundo o Art 7 da Lei 11.340, em cinco formas diferentes, as quais são: violência física, sexual, psicológica, moral e patrimonial. O Projeto ação Contra o Tráfico de Mulheres realizou oficinas na própria UFGD e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul (IFMS), tanto no campus de Dourados quanto no campus de Ponta Porã. A primeira foi realizada na UFGD, no dia 23 de Junho de 2018, em uma aula ministrada pela professora Tchella Maso. A segunda e terceira foram realizadas no IFMS campus Dourados para alunos do Ensino Médio, nos dias 02 e 03 de Outubro. A oficina do IFMS campus Ponta Porã também foi ministrada para alunos do Ensino Médio e demonstrou um resultado mais eficaz, tendo em vista que existiu um maior número de alunos presentes e se percebeu maior entusiasmo diante do tema.

No ano de 2019, foi realizado um cine debate em parceria ao Centro Acadêmico de Relações Internacionais sobre o filme Persépolis, em que se comparou o contexto do Irã com o do Brasil. Também foi executado no ano de 2019 uma oficina sobre violência de gênero com a XI turma de Relações Internacionais da UFGD.

# X Encontro Científico de Relações Internacionais

## Encontro Científico

### “Construindo pontes em tempos de muros”



As oficinas elaboradas durante o ano de 2018 tiveram abordagem e configuração reformuladas, assim como os fanzines, e os demais materiais utilizados, tendo em vista que um dos propósitos era conseguir abordar a violência de gênero dentro de sua totalidade, não apenas a que está circunscrita no contexto do tráfico de mulheres. Com efeito, as oficinas, por serem direcionadas a um público mais jovem pertencente ao Ensino Médio, em sua maioria, tiveram atividades que conduzissem a reflexão acerca da condição das mulheres na atual sociedade por meio de rodas de conversa e oficina de cartazes. Esta última atividade se tornou parte de grande importância durante a realização de nosso trabalho porque os participantes tiveram a oportunidade de expressar seus entendimentos sobre o debate proposto e fixar os cartazes nas paredes da escola, deixando exposta a mensagem que o projeto pretende passar para a comunidade externa à Universidade.

Além disso, é necessário ressaltar quão importante foi para a realização da ação extensionista as reuniões de estudo. Muitas das meninas já tinham alguma bagagem sobre o feminismo, porém a leitura de textos e livros de maneira organizada e voltada para a atividade extensionista proporcionou que as integrantes do projeto tivessem um aprendizado politicamente engajado de forma que a prática e conhecimento sempre estiveram diretamente relacionados.

## **ANÁLISE**

As construções de papéis sociais atribuídos às mulheres legitima cada vez mais a ocorrência de práticas de violência, evidenciando assim as desigualdades que se perpetuam através dos tempos com a marginalização da figura feminina. Muitas das vezes, a situação de vulnerabilidade não é percebida pela oprimida e nem pelo opressor. E ainda assim, quando observada, é, na maioria das vezes, desprezada pelos órgãos responsáveis pela segurança das mulheres.

A América Latina possui altos índices de feminicídio e outras violências contra mulher, sendo que o Brasil é um dos países que mais mata mulheres, ficando atrás apenas da Colômbia, Guatemala e El Salvador. Diariamente, milhares de mulheres são sujeitadas a alguma forma de violência no Estado brasileiro, sendo a maioria de

# X Encontro Científico de Relações Internacionais

## Encontro Científico

### “Construindo pontes em tempos de muros”



ocorrência doméstica, conforme informações do Mapa da Violência (WAISELFISZ, 2015).

Desde os anos de 1980 até o ano de 2013 mais de 100.000 mil mulheres foram vítimas de feminicídio, tendo como resultado uma taxa de 7,6% ao ano. Com a implementação da Lei Maria da Penha, esse número caiu para 2,6% em 2007, no entanto, nos anos subsequentes os índices voltam a crescer. Ademais, o Dossiê Violência Contra as Mulheres do Instituto Patrícia Galvão mostra que uma mulher é estuprada a cada 11 minutos no Brasil; 503 são agredidas por hora e 5 são espancadas de 2 em 2 minutos.

Devido à fronteira que o estado do Mato Grosso do Sul tem com o Paraguai, as taxas de violência contra mulher são alarmantes. Segundo números do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) mostrados no Panorama da Violência Contra as Mulheres no Brasil do Senado Federal, em 2014, o Mato Grosso do Sul mostrou um índice de 6,3 homicídios para cada 100 mil mulheres, ultrapassando a média nacional que até então era de 4,6. Ainda no mesmo ano, cerca de 22.900 incidentes de violência contra mulher foram relatados, totalizando aproximadamente 1.720 ocorrências por 100 mil mulheres.

Portanto, as formas de violência contra as mulheres e suas raízes devem nortear a criação e permanência de formas mais pertinentes e efetivas no combate ao problema, sempre aprimorando para poder atender as necessidades de acordo com as diferentes realidades sociais existentes. Os órgãos dos governos Estaduais, Municipais e Federal devem priorizar as pautas aqui discutidas, assim como outras entidades não governamentais, visto que há uma necessidade de medidas mais específicas devido ao processo de subalternação e discriminação que as mulheres passaram a até hoje passar.

## **CONCLUSÃO**

A partir do exposto, considera-se que o projeto contribuiu com dois elementos essenciais para o combate à violência de gênero: conscientização e prevenção. As oficinas e cine debate feitos ofereceram instrumentos e canais de denúncias de apoio às mulheres em situação de vulnerabilidade. Além disso, viabilizam a sensibilização sobre a necessidade da construção da igualdade de gênero e o respeito aos direitos das

# X Encontro Científico de Relações Internacionais

## Encontro Científico

### “Construindo pontes em tempos de muros”



mulheres. Sendo assim, é entendido que há uma almejo na contribuição de que menos mulheres sejam vítimas de opressão. A cada conversa com um grupo de pessoas, mais reflexões e vontade de mudanças surgem, em direção à igualdade de direitos e reconhecimento da dignidade humana.

#### REFERÊNCIAS

DVCM. Dossiê Violência Contra as Mulheres. **Instituto Patrícia Galvão**. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/>>. Acesso em: 26 out. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, paz e Terra, 1987.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2013.

PVCMB. Panorama da Violência Contra as Mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais. **Senado Federal, Observatório da Mulher contra a Violência**. Disponível em:

<<http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2019.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em:

<[https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2019.